

UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA – UNILAB  
CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

**OS MUSEUS ENQUANTO MARCOS DA ABOLIÇÃO: HISTÓRIA E  
MEMÓRIA USADAS COMO INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS**

ANTONIA ELLEN JARDANI DE SOUZA MEDEIROS

REDENÇÃO – CE  
2014

ANTONIA ELLEN JARDANI DE SOUZA MEDEIROS

**OS MUSEUS ENQUANTO MARCOS DA ABOLIÇÃO: HISTÓRIA E  
MEMÓRIA USADAS COMO INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sob a orientação do Professor Doutor Robério Américo do Carmo Souza.

REDENÇÃO - CE  
2014

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**  
**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)**  
**Biblioteca Setorial Campus Liberdade**  
**Catálogo na fonte**  
**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219**

---

M438m Medeiros, Antonia Ellen Jardani de Souza.

Os museus enquanto marcos da abolição: história e memória usadas como instrumentos pedagógicos. / Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros. – Redenção, 2014.

54 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Robério Américo do Carmo Souza.  
Inclui referências.

1. Museus - Aspectos educacionais - Ceará. I. Título.

CDD 069.15098131

---

ANTONIA ELLEN JARDANI DE SOUZA MEDEIROS

**OS MUSEUS ENQUANTO MARCOS DA ABOLIÇÃO: HISTÓRIA E  
MEMÓRIA USADAS COMO INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sob a orientação do Professor Doutor Robério Américo do Carmo Souza.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza – UNILAB (Orientador)

---

Prof. Dr. Rodrigo OrdineGraça – UNILAB (Examinador)

---

Prof. Dr. Fábio Baqueiro Figueiredo - UNILAB (Examinador)

Dedico esta conquista ao meu amado filho, João Gabriel Medeiros Ramos o qual teve que compreender minha ausência. Agradeço ao meu esposo, Normando Lima Ramos, que de forma especial me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldade, quero agradecer de forma grandiosa aos meus pais Raimundo Aurélio Medeiros e Francisca Angela Pinheiro de Souza Medeiros a quem sou grata por minha existência.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado saúde e disposição para superar as dificuldades, por me conceder vida, família e amigos que foram conquistados ao longo de minha presença terrena.

Aos professores da UNILAB, que sabiamente e por hora em meio a descontrações ou mesmo sem perceber me levaram a pensar que desistir era uma palavra inexistente no meu percurso acadêmico, pois estes me lapidaram pra que eu pudesse me fortalecer e desempenhar com maior destreza o conhecimento adquirido durante a formação.

Ao coordenador do meu curso Dr. Maurílio Machado, que se manteve sempre compreensivo e disposto a auxiliar sempre que preciso.

Ao meu orientador Professor Dr. Robério Américo do Carmo Souza, que me ensinou, com sutileza e sapiência a me reestruturar diante das dificuldades pessoais e assim pude notar o qual grandioso é, pois não houve espaço para impossibilidades, mas sim para reorganizações. Sou grata por me fazer buscar um mundo novo, com propostas que me ambicionaram querer sempre mais informações e gerar outros questionamentos, tornado o conhecimento prazeroso e legítimo. A ele será sempre lembrada minha sinceragratidão.

Ao meu esposo Normando, que me encorajou e reafirmou meu ânimo para que eu pudesse permanecer fincada a caminho da conquista. Ainda reconheço à compreensão diante de minha ausência nas situações mais comuns inerentes a vida familiar.

Ao meu filho João Gabriel, que mesmo sem muito conhecimento da minha jornada, se fez uma criança amável e soube, dentro do possível, entender minha ausência em sua caminhada escolar e afetiva do compromisso materno.

Aos meus pais Angela e Aurélio, que se mostraram prestativos e cuidadosos, pois ficaram diversas vezes responsáveis por meu filho enquanto me dirigia a Universidade. Sem contar a bravura e o crédito depositados em mim.

Ao meu irmão Allan Jader, que se dispôs a me auxiliar em vários momentos, tenha sido no percurso até a Universidade ou pra cuidar do seu sobrinho na falta dos pais e dos avós.

Aos meus avós maternos, Francisca Pinheiro e Antonio Ferreira, que vivenciaram comigo as dificuldades e meu cansaço. Sou agradecida pelo apoio e incentivo nas horas de desânimo, pois são eles, exemplo de fortaleza e determinação fazendo assim que eu os tivesse como imagem de orgulho seja em qualquer um dos seguimentos que compõem a estrutura familiar.

A minha avó paterna, Maria Souza de Aquino Medeiros, que foi exemplo de perseverança, resistência e paciência ao se dedicar exclusivamente a família e ao meu avô Raimundo Pinheiro (In memoria) que ensinou a todos os filhos, netos e bisnetos como ser responsável e assegurar que todos soubessem viver com prudência.

A minha bisavó, Maria Ferreira, que se apresenta como uma audaz senhora que formou filhos íntegros e exemplos de homens e mulheres com grandioso coração.

Ao meu bisavô, José Ferreira (In memoria) que me deixou saudade e recordações de que as percas são sempre dolorosas, pois com este não tive tanto tempo assim, mas pude aprender o que é amar verdadeiramente alguém e saber a dor de perder quem se ama.

A minha bisavó, Maria Pinheiro (In memoria), que ainda em minha memória se faz presente com seu semblante destemido e audaz que superou junto ao meu bisavô Juarez Costa (In memoria), as percas e as dificuldades ofertadas pela vida, mas que sempre buscou coragem de onde nem acreditávamos mais existir.

Ao meu bisavô, Minervino (In memoria), que me instigou desde cedo a perceber hábitos e costumes que ficaram presos no tempo, pois este já bem debilitado, não soltava seu toca fitas, pois vivia com esse as emoções de sua época.

A minha tia, Alba Pinheiro (In memoria), que simplesmente posso descrevê-la com uma “mãe cuidadora” de muitos filhos, mesmo que não gerados de seu ventre, foi presente na vida de muitos de seus sobrinhos e que eu tive a felicidade de desfrutar de sua companhia, de seus cuidados e de seu carinho, os quais ainda se mostram como enormes furos de saudade em mim.

A minha tia, Aldaci Medeiros, que se apresenta como exemplo de mãe e mulher batalhadora mostrando, mesmo que indiretamente, o quanto podemos superar qualquer adversidade encontrada na estrada da vida e alterar com benevolência o curso de nossas vidas positivamente.

Aos meus tios Elizângela, Sandra e Marcos Pinheiro que nunca deixaram de acreditar na minha capacidade de conquistar novos espaços. Reconheço ainda o compenheiros familiar e o apoio que eles me proporcionaram em diferentes momentos, pois encontrei amparo quando mais precisei e esses eu nunca esquecerei.

A família do meu esposo, a qual hoje faço parte, em especial a minha sogra Maria Hélia, meu sogro Valdeberto Rodrigues e as minhas cunhadas Sibéria, Sabrina e Eliza que me ajudaram sempre que precisei e que não mostraram nenhuma objeção diante das circunstâncias.

A tia Valmiza que tem um espaço em meu coração que poucos tiveram, pois esta mesmo sem filhos gerados de seu ventre, esta sempre assumindo o papel de mãe a todos que recorrem seu auxílio.

A tia Valdecira que não distante do espaço reservado a sua irmã, Valmiza, tem de mim uma enorme admiração e respeito por sua generosidade, disposição e determinação.

As minhas primas e primos que expuseram seus sinceros sentimentos de felicidade com meu êxito.

Aos meus colegas de curso, considerados até mais que colegas, em especial a Geysa Moura, Thais Bernardo, Patrícia Magalhães, Valdelia Freitas, Laudiano Silva, Keylla Kelvin, Syrlyane Queiroz, Anna Paula, Erika Rocha, Flávio Júnior que me incentivaram direto ou indiretamente a continuar a me reerguer quando não mais tinha força para chegar à conclusão do trabalho que segue.

Aos entrevistados e colaboradores para o desenvolvimento do trabalho: Ieda Maria Barbosa de Souza e Silva, Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima, Maria de Lourdes da Silva, Francisca Erilene Pereira e Antonio Welder Benedito Muniz que foram prestativos e me repassaram informações indispensáveis para conclusão desse trabalho.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu genuíno reconhecimento.



## RESUMO

A proposta de pesquisa tem como desígnio reunir, em dois capítulos, subsídios para que diante de uma reflexão histórica sobre o conhecimento que nos é repassado sobre lembranças do tempo de escravização na cidade de Redenção, Ceará, no ano de 1883, e buscar coletar informes de diversas memórias desta história apresentadas aos que se dispõe a conhecê-la. E assim, diante dos relatos e discursos no campo da oralidade, analisar o grau de veracidade que essa memória chega aos atuais sujeitos de Redenção, mais precisamente aos alunos que frequentam a rede pública municipal. Uma vez que os discentes integrantes do Ensino Fundamental I e II carecem de acesso aos espaços que reconstroem e recontam a história do município e ainda estão desprovidos de material didático necessário para o desempenho satisfatório das atividades escolares.

**Palavras - Chave:** Abolição, memória, história de Redenção, escola municipal.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – OS MARCOS DA ABOLIÇÃO.....	14
1.1- HISTÓRIA E MEMÓRIA DE REDENÇÃO.....	14
1.2 - DISCURSOS PÓS-ABOLICIONISTAS.....	18
CAPÍTULO II – A ORALIDADE DOS MUSEUS UTILIZADA COMO UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO.....	29
2.1- O REFLEXO DE UMA FORMAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO.....	33
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS.....	47

## INTRODUÇÃO

É conhecimento geral que as complicações surgiram quase que imediato ao meu ingresso na UNILAB, mas era de grande importância que eu continuasse e concluísse o curso.

Em um espaço dividido entre as obrigações acadêmicas e familiares, em que se desempenha o papel de estudante, esposa, mãe, filha, neta, sobrinha, irmã, prima e tantos outros, que em vários instantes tornava a caminhada longa.

Sendo a primogênita de uma família com apenas um casal de filhos tive, por vezes, que superar alguns conflitos existentes entre as dificuldades que surgiram com a ausência de meus pais, sendo minha mãe professora com atividades em três turnos e meu pai sendo comerciante. Nesse meio tive que cuidar do meu irmão e assumir a responsabilidade de desempenharmos com competência as obrigações escolares.

Aos 21 anos descobri a seriedade do casamento e após dois anos de matrimônio, me deparei com um novo caminho, pois agora assumia o papel materno.

As dificuldades encontradas ao longo dos meus vinte e sete anos não foram pequenas, mas não há como dizer que foram mais ou menos complicadas do que a de outras pessoas. Algumas percas não superadas, situações delicadas de saúde, conflitos familiares, enfim, esses contratempos embora me deixavam imediatamente fragilizada, construiu um coração mais sério porém simples e fácil de ser conquistado por aqueles que eu acredito serem sinceros.

As vezes não é agradável o que ouvimos daqueles que estão próximos a nós, mas foi diante dessas situações que me fortaleci e desejei mais e mais conquistar meu espaço. Nesse caso, podemos descrever a dificuldade de conviver com opiniões e pensamentos distintos, diferenças essas que aumentaram em mim o desejo de conquista.

Mesmo com a credibilidade em dúvida e a capacidade questionada consegui ingressar em uma universidade pública nas vagas disponíveis da seleção de 2012.3. Essa concretização foi comemorada com sutileza e discrição, pois sabia que a maior dificuldade estava por vir, já que não queria vivenciar uma graduação inconsequente, tampouco incompetente.

Passado pouco mais de dois trimestres na graduação atravessei a rota do projeto de pesquisa Entre História e Memória: a abolição na cidade de Redenção – CE, uma parceria PIBIC/UNILAB, desenvolvido pelo professor Dr. Robério Américo do Carmo Souza que me proporcionou uma nova esfera de conhecimento. Esta pesquisa resultou no início do trabalho aqui apresentado, já que meu orientador de pesquisa e TCC me fez abrir um pouco mais meu campo de visão e notar aspectos que antes eram imperceptíveis aos meus olhos, fazendo com

que desabrochasse o interesse por conhecer um pouco mais da história que forma parte de minha identidade, uma vez que sou natural da cidade de Redenção.

A razão para realização da pesquisa aqui proposta se alicerça na evidente importância que o pioneirismo abolicionista tem na construção história, econômica e social, além da construção identitária da cidade. Sendo assim, é necessária uma compreensão mais detalhada sobre a história da abolição em Redenção, para que possamos entender os caminhos e descaminhos que ela percorreu, em diversos âmbitos, desde 1883 até os dias atuais.

Os problemas são de larga extensão, mas o que é de maior importância nesse momento é esclarecer como a memória do pioneirismo da abolição foi e é construída e reconstruída por instituições públicas e privadas e pelos indivíduos inseridos dentro da sociedade Redencionista.

Nesse curso, é de grande importância buscar respostas consistentes para tentar compreender as mudanças históricas e a memória próxima que cada indivíduo aproxima do que os cidadãos redencionistas acreditam ter sido o real no que diz respeito ao abolicionismo nesta cidade, entendendo a complexidade da cultura política e subterfúgios do poder local.

Com isso, buscamos investigar a construção e a transmissão de informações sobre a memória oficial do pioneirismo abolicionista da escravatura na cidade de Redenção.

Direcionar uma pesquisa sobre o ambiente desta memória e que caminhos norteiam as noções sobre e a partir dela construídos, sendo necessário analisando como a história pode ser alterada por indivíduos históricos reais, que dela usam para favorecer uma narrativa enobrecedora do passado ou usar da mesma para benefícios individuais.

Nesse panorama é necessário que procuremos satisfazer as perguntas que se encontram sem respostas ou até mesmo as que não têm uma resposta satisfatória, preenchendo assim o “vazio historiográfico”.

Frente às insatisfações com essas histórias e com a problemática de reformular as ideias visualizaram uma nova construção de conhecimento que estão além da retórica apresentada, mas mesmo que seja mais complexa se mostra com maior completude ao tentar entender a veracidade histórica dialogando com os sujeitos atuais embasado de saberes teórico-metodológicos sobre o assunto em questão.

A partir de levantamentos, catalogações, descrições, registros fotográficos e análise de artefatos e a oralidade do universo pesquisado, reunimos dados que remete uma apreciação capaz de compreender e reformular como ocorreu a condução da memória abolicionista de Redenção desde 1883, como essa história foi valorizada nas últimas décadas do século XX e como esta é projetada na sala de aula até o ano presente. Logo, as observações das práticas

discursivas apresentadas nos levaram ao desejo de uma visão minuciosa desse recorte historiográfico.

Assim percebemos como a produção de uma reflexão crítica sobre como o movimento abolicionista repercutiu, depois de anos da libertação, contribuindo para uma extensão de dados sobre a escravidão na cidade de Redenção.

Já com pouco mais de três anos abraçando a personagem materna, com quase seis anos de matrimônio e com atividades acadêmicas em vigor, tive que cortar o cordão umbilical e assim assumir de maneira mais completa a minha nova construção familiar, pois somente em dezembro de 2013 conseguimos nossa própria residência, deixando de morar na casa de meus pais.

Hoje diante de um trabalho que nasceu do pensamento de Dr. Américo Souza, posso afirmar minha felicidade em estar dentro desse contexto com uma nova forma de pensar e perceber a história a partir de outros aspectos e caracteres.

A primeira parte está direcionada aos museus e como a narrativa histórica e os objetos são valorizados nesse espaço. Como a história é repassada aos que frequentam o ambiente museológico. Vale lembrar que os museus citados no trabalho que segue são o Museu Memorial da Liberdade que é de responsabilidade da Secretaria de Cultura Municipal e o Museu Senzala do Negro Liberto que se localiza em terras particulares.

Ainda com uma maturação de pesquisa embrionária fui instigada a tentar entender o que se mantinha escuro aos meus olhos e aos de tantos outros que se defrontam com os acontecimentos de um recorte da história abolicionista da cidade de Redenção, pois as controvérsias e ausência de documentos concretos são pontos que comprometem a extensão dessa história no ensino escolar ou em qualquer outro espaço que essa percorra.

Com isso, somos levados a pesquisar no campo da memória imaterial e averiguar o nível de autenticidade das histórias sobre a abolição e a escravização em Redenção. A partir da rememoração e das narrativas nos dois museus, caminhei pelas linhas de ensino pedagógico nas escolas do município, em específico na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Terto Venâncio, na qual observamos os diferentes olhares sobre a história contada há três ou quatro décadas e as explanações na primeira e segunda década do século XXI.

Além disso, o segundo capítulo nos permite deduzir como a célebre história da cidade de Redenção chega aos estudantes do Ensino Fundamental, que requer de material didático confiável para desempenhar adequadamente o ensino-aprendizagem dessa narrativa, uma vez que por ser desprovido de amplo material para desempenhar com regularidade esse contexto,

muitos docentes usam como material de apoio a internet, sem que possamos ter certeza do comprometimento dos relatos encontrados nas páginas encontradas, pois devemos lembrar que a escrita tem influências sociais, políticas e econômicas que podem alterar o curso dos acontecimentos históricos.

## CAPÍTULO I

### OS MARCOS DA ABOLIÇÃO

A iniciativa de pesquisar a narrativa abolicionista da cidade de Redenção, no estado do Ceará, nasceu da ausência de resposta, em estudos já realizados, a alguns questionamentos sobre o lugar da abolição na memória da sociedade local.

Como os redencionistas rememoram a abolição no município? Há lugares de afirmação e celebração desta memória?<sup>1</sup> Quais são eles? Como ela é apresentada aos visitantes do espaço museológico local? São estas as questões que configuram a problematização que orientou a construção desta monografia, para qual este capítulo 1 apresenta alguns esforços iniciais de resposta.

#### 1.1 - História e Memória de Redenção

A origem desse material se deu de forma perturbadora, efeito da insatisfação com a desvalorização do conhecimento sobre a história de maneira ampla, em que privilegie diferentes visões do cenário escravagista, bem como propiciar que busquemos compreensão para as diferentes perspectivas da memória da abolição.

Os diferentes níveis de conhecimento das pessoas sobre ela, para que se deparem com diferentes memórias, construídas e difundidas a partir de diferentes lugares. É também meta por nós perseguida a compreensão de como esta memória contribui para a construção e propagação de uma narrativa sobre a história abolicionista em nossos dias.

Segundo Girão, em 1º de janeiro de 1883, “fora Acarape escolhido para nele fincar-se, no solo da pátria enodoada de escravatura, o primeiro alicerce da peanha da libertação”.<sup>2</sup> (GIRÃO, 1984. p.159).

Ao passar dos 131 anos que nos separam do 1º de janeiro de 1883, a homenagem da memória do pioneirismo na antiga Vila de Acarape na abolição da escravidão brasileira está regularmente na cidade de Redenção através de monumentos públicos, como o “Painel da Negra Nua”, erguido na entrada da cidade, e a estátua do “Escravo Liberto”, encravada na

---

<sup>1</sup>Lugar de memória é aqui compreendido na perspectiva que lhe deu o historiador francês Pierre Nora, quando formou que: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (...)” NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez. 1993, p. 13)

<sup>2</sup> GIRÃO, Raimundo. *A abolição no Ceará*. 3ª ed. Melhorada. Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

praça principal da cidade, pelo acervo e orientação museológica dos dois museus da cidade, o Museu Histórico Memorial da Liberdade (público) e o Museu Senzala Negro Liberto (particular).

Diante desse contexto, as informações obtidas sobre a memória da abolição, trazem consigo uma curiosidade em investigar como essa história foi e é construída ao longo desses anos pós-abolição, uma vez que parecem consideravelmente intrigantes, pois há um distanciamento entre os fatos ocorridos no século XIX e as histórias transmitidas ao longo do tempo sobre tais acontecimentos. Histórias essas que remontam uma imagem, por hora, de sofrimento e em outro de bondade, já que a narrativa sobre a liberdade é vista por alguns como uma oferenda.

Sabemos que a Abolição não foi um presente dos senhores para seus escravizados, uma vez que usavam do mito de que a escravidão era um benefício ao negro, pela qual poderiam ser educados nos ensinamentos cristãos da Igreja Católica e conseqüentemente livres de todo o pecado, alcançando futuramente a salvação. Assim, mantinham os cativos em seu poderio usando sua mão-de-obra para o desenvolvimento das lavouras e do engenho em todo o Brasil. Precisamente no Nordeste, concentrava-se na segunda metade do século, uma das maiores populações servis de todo o país.

Ao nos debruçarmos sobre os escritos de Emília Viotti<sup>3</sup>, observamos o interesse pela concretização da abolição da escravatura brasileira a partir dos ingleses, logo após cessar totalmente o tráfico de negros na Inglaterra nos anos de 1807. Com isso aproveitaram a fragilidade portuguesa, que era colônia do Brasil e de forma inteligente o governo britânico conseguiu a assinatura de múltiplos tratados comerciais que lhe davam largos privilégios econômicos em terras brasileiras.

Deste modo, desencadeou com o Congresso de Viena em 1815, um imenso interesse inglês de por um fim no tráfico comercial, no qual despertou uma visão elitista brasileira, de que esse condicionamento levaria o país a ruínas. Porém ao conquistar sua independência política e pouco ter pra ofertar a Inglaterra, não lhes restavam muitas escolhas.

Contudo, podemos afirmar que a abolição foi uma conquista a passos lentos diante subterfúgios enfrentados pelos menos favorecidos, em que muitas vezes o preço da liberdade foi sua própria vida.

A escritora traz à tona informes sobre a evolução da conjuntura abolicionista, a qual não se pode explicar em curtas palavras. Os relatos submetidos pela autora referenciam os

---

<sup>3</sup> VIOTTI Da Costa, Emília. A abolição. 8ª Ed. Revista e ampliada – São Paulo: Editora UNESCO, 2008.



estudos sobre a abolição brasileira integrados em um panorama político, social, econômico e ideológico, em que a “abolição dos negros” foi apenas o início da história deles no Brasil.

Ainda nos relatos de estudiosos, se torna claro o envolvimento de comissões parlamentares favoráveis ao abolicionismo, como é o caso do Deputado Duarte de Azevedo que afirmava ser pouco inteligível retardar a liberdade dos escravizados. Assim, ele era um dos que defendia a “votação urgente” e esta aconteceu em tempo recorde, contabilizando 83 votos a favor do projeto e 09 contra o desenvolvimento deste. Vale lembrar que, os votantes que se declararam em oposição à desenvoltura do projeto de abolição, eram membros do “Partido Conservador”, sendo um deles da província pernambucana e os demais do Rio de Janeiro.

Contudo, a minoria não teve vez neste caso e após princesa Isabel proclamar a Lei Áurea em 13 de Maio podemos afirmar, segundo Viotti, que foram alforriados aproximadamente 700 mil escravos. Deste, grande parte estava em submissão nos campos provincianos da região sudeste.

Mesmo com todo esse aparato, é importante relembrar que, o Brasil foi o último, entre os países ocidentais, a tornar livres as pessoas que ocupavam a posição social de escravos e que, mesmo assim, o legado que antecede a liberdade destes ainda se estende.

Há grande destaque neste cenário a Burguesia Europeia, que desejava por fim no Antigo Regime, em que as formas de governo privilegiavam a alguns que se mantinham na soberania dos povos da época. Mesmo com toda essa revirada, ainda nos relatos do livro *A abolição*, no ano de 1824 existia ainda a negação da existência do reconhecimento da liberdade daqueles que tinham sido libertos. Diante desse absurdo, alguns elitistas brasileiros (mesmo que não residindo em solo pátrio), estavam temerosos a uma revolução dos indivíduos escravizados para com os brancos que desvalorizavam a mão – de – obra dos negros.

Ainda neste espetáculo, podemos destacar nas afirmações feitas por Viotti, a figura de José Bonifácio ao acreditar que “a escravidão era uma instituição nefasta, corruptora da moral e dos costumes e inibidora do progresso do país”. (VIOTTI, 2008. p.18)

Todavia, a despeito de ser preciso sempre considerar a pressão internacional, com destaque para a inglesa, sobre o Brasil, que era, então, a última nação escravista do Ocidente, os fatores internos à própria sociedade brasileira foram os principais responsáveis para a abolição da escravidão em maio de 1888.

Ao longo das últimas três décadas um grupo considerável de historiadores se dedicou a revisitar o tema da abolição a partir novos paradigmas teóricos e novas possibilidades

metodológicas, trazendo novos elementos para a sua compreensão. Uma das consequências dessa revisão foi avaliar com mais profundidade a participação dos próprios escravos, no processo que culminou na abolição. Historiadores como João José Reis e Eduardo Silva, autores de “Negociação e conflito. Resistência Negra no Brasil Escravista” (1889) e Sidney Shalhoub, autor de “Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte” (1990), nos contam como os escravos foram sujeitos ativos na construção da resistência ao regime escravistas e de como a década de 1880 foi marcada por fugas de escravos, manifestações de rua e tensões no campo em prol da libertação. Por outro lado, transformações na estrutura econômica e social do país, que mergulhava num processo tímido e lento, mas, também, sólido e constante de urbanização e modernização, flertando com premissas e paradigma civilizatórios europeus, franceses, sobretudo, também devem ser considerados na construção de uma compreensão sobre o fim da escravidão no Brasil.

Redenção carrega o glamour de ter sido pioneira quanto ao ideário abolicionista no Brasil e anteceder até mesmo a lei Áurea, mas são nas entrelinhas dessa história que encontramos divergências nas narrativas das histórias, interesses individuais entre outras desarmonias que estão visíveis no plano de fundo.

O pioneirismo de Redenção e da Província do Ceará, que reciprocamente em 1883 e 1884, eliminaram o trabalho escravo em suas fronteiras, foram objeto de destaque no país inteiro e mesmo na imprensa internacional. O jornalista e abolicionista José do Patrocínio, que deu à Província o epíteto de Terra da Luz, tomou a primazia cearense como evidencia da vanguarda e da força do movimento abolicionista brasileiro, no que foi seguido pela maioria dos que escreveram sobre o tema, cujos textos apontam as agremiações libertárias da elite intelectual branca de Fortaleza como a causa única daquele feito.<sup>4</sup>

Não podemos deixar de rememorar que o Hino da cidade de Redenção está pautado no ideário de uma libertação gloriosa e repleta de heroísmo, como em símbolo se mantem a letra de Vital Bizarria e a melodia de Monsenhor Mourão:

De teu solo se ergueu sobranceiro  
Um punhado invencível de heróis  
Desprendendo este brado altaneiro  
Não queremos escravos entre nós

Este gesto sublime, imponente  
Noutros peitos a chama ativou  
A senzala fugiu de repente

---

<sup>4</sup> GIRÃO. Raimundo. *A abolição no Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984, p. 32-33.

Martírio em prazer se tornou.<sup>5</sup>

Neste painel de informações encontramos dois museus que retratam e expõem fragmentos desse quadro abolicionista em Redenção e foi nesses dois especificamente que, encontramos segundo relatos dos que assistem a manutenção dos mesmos, uma forma através da persuasão que enaltece o pioneirismo aos visitantes da cidade, informações que nos conduziu a olhar minuciosamente para a história que caracteriza esta cidade cearense.

Partindo dessa análise se faz indispensável interpretar o repasse de informações sobre a história abolicionista com maior amplitude, para que não se permita um discurso ufanista, mas sim possibilitar diferentes visões do cenário escravagista.

## 1.2 - Discursos pós-abolicionistas



Diante dos dois museus existentes no município, podemos destacar a estrutura arquitetônica simples, em estilo eclético, característico do Brasil do início do século XX do *Museu Memorial da Liberdade*, estando este localizado numa esquina composta pela Rua Marechal Deodoro e continuação da CE - 060, mas sem grandiosos detalhes, além de ser um espaço de 50 a 60 m<sup>2</sup> em média, mas que não tem todo seu material em amostra, porém os que são de maior interesse estão em prova, carregando junto a eles a imagem de cidade precursora do abolicionista em todo o país. Este prédio foi construído para ser a sede da prefeitura, por isso a inscrição “Paço Municipal” na sua fachada.

---

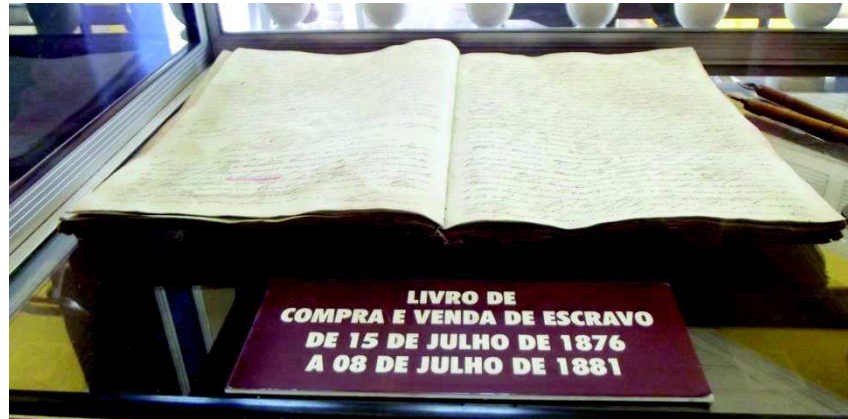
<sup>5</sup> Ver anexos

O *Museu Histórico Memorial da Liberdade* preserva objetos e documentos que narram especialmente o que é relativo a fatos de circunstâncias da escravidão e da campanha abolicionista, além de outros objetos que ganharam valor documental de determinado momento.

É neste acervo de objetos que podemos observar porcas de engenho utilizadas no ano de 1868 no âmbito de trabalho escravo, instrumentos de tortura pertencentes à segunda metade do século XIX, como as algemas usadas para imobilização das mãos, as gargalheiras com um desenho aparente de uma cruz com curvaturas que ficava localizado atrás da cabeça do escravo, por apresentar curvas pontiagudas era um aparelho que tinha por função extra, detectar o percurso de fuga do escravo que o conduzia, pois as pontas cortavam parte do canal em que o escravo passava e assim facilitava sua captura, as gargantilhas que apresentavam uma estética a qual nos remete uma imagem de sufoco naquele que lhe era submetido a tal, por ser de espessura pequena e aparentemente apertada. As gargantilhas não ficam distantes do conceito direcionado as gargalheiras, pois são de espessura semelhante, mas com modelos diferenciados, em que uma delas era para o uso e manuseio entre dois escravos, nomeada de gargantilha dupla. Podemos encontrar ainda, neste mesmo museu, correntes que eram comunais neste período, a cinta e o famoso viramungo que é dado como um utensílio de destaque na oralidade daqueles que apresentam o museu a seus visitantes, pois o descrevem como um instrumento usado para prender pernas e braços de escravos com uma estatura aproximada de 1,8m de altura.



Entre esses objetos, há um livro que descreve a comercialização de escravos, que apresenta nome dos senhores que estavam a negociar, entre 15 de julho de 1876 a 08 de julho de 1881, como Joaquim Gonçalves Magalhães, José Joaquim de Araújo, Cândido M. Machado entre outros.



Além dos objetos acima, estão em exposição cadeados usados para fechar as portas da senzala e chaves. Na categoria das embalagens e recipientes temos um estojo para clarineta da primeira metade do século XIX, e vários artefatos pertencentes ao século XX.





As informações obtidas ao pesquisar neste museu nos trouxeram questionamentos do quanto às pessoas se acomodaram com a afirmação de que a antiga vila de Acarape, hoje Redenção, é tida como o primeiro centro urbano a abolir seus escravos, sendo isso a suficiente reserva histórica para os que nela habitam, sem que possam enxergar a riqueza em detalhes, o sofrimento de uma época e até mesmo os desvios informativos existente em todo período de escravidão.

No livro, “A danação do objeto”, do escritor Francisco Régis Lopes Ramos, o escritor apresenta o museu no cenário do século XXI de forma dinâmica, em que há o interesse de despertar e alterar o interesse educativo, que até pouco tempo era tachado como um aprendizado cansativo e desagradável. Atualmente podemos asseverar que, a aquisição de conhecimento é mais prazerosa e inteligível, pois envolve o público numa interação satisfatória com a paisagem de estudo.

O autor usa os escritos de Lucien Febvre (1989)<sup>6</sup>, para explicar que não existe história problema expressa que “A história – problema enxerga o passado como fonte de reflexão acerca do presente, indagando as inúmeras tensões e conflitos que se fazem em mudanças e permanência”. (p. 26)

Diante desse relato, é possível afirmar que quando passamos a nos questionar sobre o que está “escondido” no sentido implícito da história, é que podemos perceber o quanto deixamos de ter um maior campo de visão sobre as coisas que nos possibilitaria enxergar a enorme dimensão que a história nos rege em diferentes épocas.

Este museu é descrito, no catálogo *Africana e Cearensidade*, como um ambiente “capaz de deflagrar aventuras para o espírito humano, conduzindo os seus usuários a caminhos nunca imaginados” (OLHAR APRENDIZ, 2011. p. 12), se mostrando como uma figura lúdica que apresenta a história de maneira atraente. Porém não se pode deixar de comentar sobre a exaltação dos objetos em exposição, não pelo valor que estes têm dentro da história, mas não deixando de acrescentar a narrativa à gênese de doação do item.

<sup>6</sup> FEBVRE, Lucien. *Combates pela história Lisboa*: Presença, 1989.

Ainda na obra acima tem um trecho que explicita mais uma exaltação exagerada de um grupo em que estar a afirmar que:

“No mesmo dia da criação da Vila de Acarape, foi promulgada uma lei autorizando o presidente da província do Ceará a despende, anualmente, a quantia de quinze mil réis com a libertação de escravos, de preferência do sexo feminino. Esse fato parece ter influído no ânimo dos habitantes da Vila que passaram a lutar contra o julgo escravista”. (OLHAR APRENDIZ, p21.)

Outro ponto são expressões como “a lei deu a liberdade aos escravos”, já que sabemos que ser livre foi uma conquista, que mesmo com a participação do poder público na causa abolicionista promovendo um pensamento da busca por direitos, sabe-se que essa independência não foi um presente.

De acordo com Ramos, ao pensarmos em museu, “o fundamental é trabalhar com o parâmetro de abrir visibilidade para os objetos e, com isso, levar a conhecimentos sobre a nossa própria historicidade”. (p. 27)

Diante de confusões, conduções e omissões da história por meio dos objetos o museu se expõe como campo interdisciplinar. Mas cabe a nós esclarecimento e entendimento para que possamos perceber o “exercício de estranhamento” e qual o caminho que somos direcionados.

É fácil perceber o quanto os objetos são utilizados através dos interesses em que, pensando Ramos, a glorificação, a sensibilidade e a interação caminham de mãos dadas. Em Redenção, há o ato comunicativo diretamente ligado a interesses individuais ou de um pequeno grupo, em que o meio intelectual é usado para uma transmissão argumentativa.

Devido a essa situação temos que observar o passado com um olhar detalhista, pois é assim que vimos os dois museus da cidade, que por mais que o foco seja os objetos que pintem um quadro sobre a abolição, pecam ao deixar de expor artefatos contemporâneos.



Já no *Museu Senzala do Negro Liberto*, localizado na Avenida da Abolição em frente a instalação do Campus da Liberdade pertencente a Universidade Internacional da Lusofonia Afro – brasileira, é de simples inteligência notar que, o interesse pela narrativa histórica, sobre a escravatura, estão atrelados a comercialização, por ter como destaque a produção e a trajetória da cachaça e ainda destacam a família em cada sala que compõe os cômodos da Casa Grande. Este mostra uma estrutura colonial e com uma imensidão de terras. Nele temos alguns aspectos que nos induz a lembrar das grandes obras que detém seus escritos a Casa Grande e Senzala, já que o mesmo apresenta uma estrutura ainda original de um casarão colonial em que a Senzala está abaixo da Casa Grande. Há neste mesmo museu uma pessoa que acompanha e apresenta todo local descrevendo as narrativas sem que se deixe perder a atenção dos que estão a conhecer a variedade de objetos e estrutura arquitetônica deste ambiente. É nessa narrativa passada aos visitantes que encontramos controvérsias, pois deixa a entender que atrair a atenção do público é mais importante do que simplesmente explicitar o que ali ocorrerá.

O que nos faz acreditar que a economia está à frente dos interesses, é que ao observamos os detalhes da narrativa do condutor, somos levados a descrição dos objetos usados para a industrialização da cachaça, que é um produto de destaque para os proprietários da senzala. Segundo o transportador, a bebida tem o início de sua fabricação em 1873. Pudemos ainda conhecer a cabeça de um boi que nos é apresentada como utensílio para o armazenamento de cachaça, item esse que nos intriga, pois nos foi dito que esta é usada desde o século XVIII, mais precisamente 1759. Entretanto, um pouco antes, fica claro que a cachaça só é fabricada a partir do século XIX. Logo é possível questionar alguns dados que são repassados aos visitantes.

A história chega até nós com algumas perguntas ainda a serem esclarecidas e quando a fazemos há sempre uma distorção desses pontos ou uma expressão “eu acho que...” e em seguida volta-se imediatamente para um discurso nitidamente que é visivelmente mecânico.

Nesta paisagem somos conduzidos a conhecer as pedras que eram usadas para moer a cana e somos informados de que foram usadas por 14 anos, que se iniciaram no ano de 1913. O piso da Casa Grande é de madeira e a justificativa para as falhas no piso é de que eram assim para facilitar a observação dos escravos à partir da Casa e o único cômodo que tem o piso completamente vedado, sem brechas é o do quarto em que dormiam o senhor e sua senhora.

Quanto aos documentos existentes, há um acervo de nomes nobres e importantes da época, são encontradas escrituras das terras com o nome de seus proprietários. O primeiro



deles foi um português chamado de Coronel Simião Teles. Após o coronel, diante do juramento que se manteve com autoridade nesse solo durante a escravidão e após a libertação, quem veio a ter posse legal das terras (ou fazendas como relatam) foi o Coronel Juvenal de Carvalho. Hoje o museu tem por proprietário um senhor conhecido como Potinho, que é o 5ª nome da uma geração de uma mesma família que detém posse de um solo que guarda uma vasta história que por mais que pesquisemos, não conseguiremos conhecê-la por completo.

Ao retratarmos os objetos em exposição no museu, nos deparamos com instrumentos de tortura entre artefatos odontológicos, gargalheiras, algemas, o viramungo entre outros que são encontrados nos primeiros cômodos da Casa Grande.

Ainda na mesma sala, temos a fabuloso narrativa da escrava Anastácia, que segundo informes, esta tinha olhos azuis, atributos corporais e beleza. Anastácia era uma jovem escrava descendente do Rio de Janeiro, filha de uma escrava com um senhor de engenho, cobiçada por vários homens por apresentar caracteres admiráveis. Acredita-se que ela viveu em média entre 15 e 18 anos apenas. Dizem ainda que a bela negra pode ter concebido graças a pessoas ditas católicas, mas o que desperta maior interesse de estudiosos é que defronte a toda esta narrativa histórica não se pode comprovar, de acordo com o narrador, que a existência desta graciosa jovem não pode ser comprovada. Daí o que nos intriga, porque e como se essa estória ou história aparecesse como uma fonte insegura, mas é um discurso não descartado pelos que propagam os relatos pré e pós - abolicionistas da cidade de Redenção.

Além disso, dentro do museu, vimos também uma multiplicidade de rótulos entre as aguardentes como “Dagagueira, Triunfo, Princesa do Norte, Ressurreição, Redenção, Especial Extra Pé de Tonel, Redenção Extra, Madeira – Lei, Diamante, Paracupeba, Falcão do Vale, Flor de Redenção, Douradinha Extra, Princeza, P.O.J.”, podemos salientar dentre estas, uma que tem fabricação contínua “Douradinha” por apresentar, como narro imprescindível, sua durabilidade no mercado e ao mesmo tempo distribuir, em modo de exportação, desde 2004 o produto para Alemanha, África e Itália. Obviamente não podemos esquecer que a cachaça tem seu valor histórico, mas temos que pensar sobre a excessiva apresentação desta que sobressai e se mantém superior a história abolicionista.

O espaço museológico nos leva a velejar por ondas que fogem um pouco da temática a que o museu se propõe (ou pelo menos diz se propor), mas que são significativas dentro da lógica teatral de construção de uma imagem do negro escravizado como ignorante, supersticioso e impotente diante do imenso poder do seu senhor, que acaba por alimentar o discurso hegemônico de uma liberdade dada; construída sob os auspícios da generosidade

branca, intelectual e humanistas, sem qualquer possibilidade de que práticas de resistências dos cativos tenha para ela contribuído de alguma forma.

Quando chegarmos ao local, apontado como a senzala (ambiente sob a Casa Grande), nos deparamos com um espaço de pouca altura, com pouco ventilação e sem iluminação, condição a que o guia-narrador atribui ao “fato” de que, na época, os senhores temiam uma revolta dos negros, em que estes pudessem atear fogo nas instalações da Casa Grande. Ao longo do percurso pelo porão (senzala) o guia nos traz a narrativa de um povo sem higiene que convivia com seus descartes fisiológicos, muitas vezes dormindo sobre eles.

Perante o lugar ocupado pelos condicionados à escravidão, nos é contado que eles eram submetidos a castigos que estavam além do que era comum no tempo da escravidão. Em um claro esforço por valorizar o lugar e a sua própria narrativa-conhecimento, o guia-narrador conta, em tom de grande revelação, que aos cativos era aplicada uma punição chamada de “castigo da novena”, em que eram destinados a passar nove noites em um espaço escuro. Nos mostra ainda outras supostas formas de suplício, como uma porta com pontas de pregos, chamada de “solitária” o teste de resistência, que serviria para analisar o quanto o escravo teria energias para ser reprodutor e, por fim, o “sonho de liberdade”, em que o escravo era preso com as mãos sobre a cabeça.

Embora a importância foco desta discussão seja a história dos escravizados, vimos com ênfase distorções dos fatos para montar um cenário pautado por um script já delineado dentro de uma narrativa que conduz a um fim pronto e não intenta promover reflexões.

Na cela das mucamas, temos ilustrações de orixás, nas paredes, pertencentes à crença de origem dos que ali estavam (candomblé) e as narrativas expõem que eles transcodificaram seus deuses para ao catolicismo, pelo fato de terem acesso menos complicado no que diz respeito ao desempenho de suas crenças. Esse acontecimento é chamado de sincretismo religioso. Ainda neste lugar, nos é confirmado que tinham, na época de exploração, entre 6 e 8 admiráveis escravas que eram mantidas com melhor conforto que os demais, por serem cuidadas para servirem sexualmente aos seus senhores, contudo se este feito fosse descoberto pelas sinhás, elas seriam quase que de imediato submetido a sacrifícios, sujeições estas que poderiam ser a própria vida.

Há ainda relatos de que, o trabalho escravo, em geral, era incentivado pelo consumo da cachaça, pois antes que se inicia o trabalho eles recebiam como estímulo uma dose do tal produto, para que desempenhassem com fervor suas tarefas diárias, afazeres que eram iniciados através do toque de um sino.

É notório, nas entrelinhas, o abuso do homem branco com o negro em que este permanecia sempre a sua disposição. Essa ideia conserva-se asilada nas narrativas sobre a abolição.

O museu mantém uma fachada com ilustrações de negros, mas dá a entender que há um interesse particular de divulgar este local. Finda a exploração do escravizado, em seu lugar surge a exploração comercial de sua história, ou pelo menos de uma versão dela.

Ao associarmos os estudos de campo com os estudos teórico, é possível que notemos o quão é valioso nos debruçarmos com grandes estudiosos sobre assuntos que, tem por foco os objetos vistos em museus e o quanto são importantes para nossa construção indenitária.

Na obra, *Museu, memória e esquecimento – Um projeto de modernidade*, do estudioso Marcos José Pinheiro, o autor aguça nosso pensamento, pois o retira de uma situação passiva e o conduz a um posicionamento questionador sócio – político que interfere na história do poder de dominação.

O intelecto estudioso deixa claro que esses escritos surgem a partir da insatisfação com o descaso com que os instrumentos que retratar a história de determinada época são, em parte pouco valorizados.

Segundo Pinheiro, nessa nova concepção institucional é perceptível como se constitui a memória e a transformação de uma identidade cultural, que se propaga no pensamento social, visto que tanto o poder quanto a equivocada ideia de cultura nos limita e faz com que conceituemos uma identidade precocemente.

Quanto à modernidade, o autor afirma que ela seria outra visão, até mais clara, sobre determinadas compreensões que até então estariam socialmente predefinidas nos impedindo de buscar novos saberes. Diante disso, nos deparamos com a ruptura dos sistemas tradicionais, apresentando-se como modernidade cultural e modernidade social, transformando a capacidade de pensar e agir, tendo a imagem (estética) como um instrumento das ações do homem.

Uma das características da modernidade é a busca pelo conhecimento científico e tecnológico, logo vemos a procura de uma variedade expositora na evolução dos museus que hoje se apresentam dualidade ao ser um interlocutor entre quem domina e quem é dominado, pois nunca sabemos ao certo as proporções de ideias que tomarão os estudos e aspectos analisados por um indivíduo. Este por sua vez, para ter uma história verídica é precisa assegurar-se da memorização dos costumes e hábitos de onde se conta a história, sem que altere as informações culturais.

Vale lembrar que, o escritor relata sobre as exposições visuais museológicas que abrem novos caminhos as atividades comerciais, públicas e particulares, mas sem esquecer a valorização do novo. No entanto, ele assegura que ao esquecermos também ajudamos a construir a história, uma vez que percebemos a necessidade de aprender para se produzir memória, através de uma reconstrução da memória individual.

Os museus são hoje uma discussão entre o que é moderno e o tradicional, pois hoje não está mais reservado apenas ao elitismo, já que se apresentam de forma culturalmente plural e homogênea, por se expor modernamente como temático, etológico, industrial e também como ecomuseu.

Pinheiro retrata ainda a importância dos monumentos, dado que são lembrados apenas como símbolo do passado e esquecido do valor de uma memória coletiva a história. E alerta sobre o risco de “identidade cultural” se tornar no “idêntico cultural”, já que o fluxo das informações regidas por interesses econômicos e técnicos interferem nas indenidades culturais.

É importante que entendamos o quanto a história está interligada aos conceitos de memória, nacionalidade e cultura, pois nos conduz a compreendermos as causas e consequências do museu como instrumento da modernidade para a construção de uma memória coletiva e nacional. Porém a resistência tem sua importância, pois é fundamental para que as minorias tenham o direito de existir nacionalmente.

De acordo com o autor, “nós somos produtos e não criadores da época moderna”, mas estudiosos apresentam ideias opostas no que diz respeito à desterritorialização e globalização da cultura museológica, pois há quem defenda uma cultura internacional, enquanto outros afirmam que este tipo de cultura seria vazio e sem memória, por acreditarem ser uma modernização emergente do mercado.

A cultura passou a ser o objeto de compensação em que o homem moderno está transferindo à realidade aos seus interesses pessoais.

Em meio à modernização cultural existe uma visão neoconservadora da compensação por temer que o avanço da modernização e da globalização possa alterar a memória.

É importante salientar que, com o passar do tempo os museus ganharam títulos e definições distintas até mesmo o de “Indústria Cultural”, conceito esse formado pela ideia de pessoas em massa a busca de um capitalismo industrial.

Podemos afirmar que os museus assumem distinções do saber e da cultura e acolhendo seus visitantes independente de sua origem.

E é nesse meio de controvérsias e contradições que facultamos a importância dos estudos e análises, para que se possa ter uma melhor compreensão sobre um espaço que transmite informações historiográficas sobre um campo diverso, seja cultural ou territorial.

Contudo, se faz necessário que saibamos analisar, como as informações de cultura e memória são transmitidas aos visitantes de instituições que a representam, em que devemos lembrar de que estamos no meio de uma sociedade consumista pertencente a um sistema capitalista.

Podemos assegurar que existem olhares diversos, ou até que se completem, sobre um único assunto, pois as relações sociais são construídas dentro de uma cronologia que interfere, altera e contribui para que a historiografia venha a se expandir.

## CAPÍTULO II

### A ORALIDADE DOS MUSEUS UTILIZADA COMO UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Ainda no âmbito da pesquisa, a ciência nos intriga e faz com que busquemos compreender seus conflitos. Para que possamos assegurar compromisso, honestidade e ética, que nos dirija a reproduzir os informes da História Oral sem que nos deixemos influenciar por fatores políticos, econômicos e sociais que venham a comprometer os fatos, é necessário analisar cada memória com seu apreço, pois cada indivíduo tem valores diferentes e que apresenta sempre algo novo.

A ideia de estarmos operando com documentos concretos e com materiais subjetivos nos faz analisar com maior minúcia cada informação que adquirimos ao longo dos dias.

Como afirma Alessandro Portelli “a objetividade científica não consiste em nos ausentar da cena do discurso e em simularmos uma neutralidade que é tanto impossível quanto indesejável”. (PROJETO HISTÓRIA, 1981. p.26). Por mais difícil que seja é preciso aprender a conduzir o material histórico e se vigiar com o conteúdo fornecido pela própria história.

Quando nos deparamos com oralidade é preciso que percebamos a responsabilidade de levarmos a história para além do espaço que ela foi proveniente, ou se mantém presente. No entanto ao obter informações sobre a história que originou a então antiga Vila de Acarape a receber o nome de Redenção, nos levam a uma variedade de questionamentos, pois sendo essas narrativas presentes no espaço museológico e este, por sua vez, ser usado como uma ferramenta pedagógica, de certa forma compromete o aprendizado dos alunos que até ali forem conduzidos, caso o professor que o acompanhe não tenha clareza dos relatos célebres da abolição e escravização nesta cidade.

Embora na década de 70, as críticas feitas por historiadores tradicionais trouxessem a principal ideia de que a memória não seria confiável, pois esta poderia sofrer influências e alterações do meio ao qual fazia parte ou o que estava a estudá-la. Mesmo assim, é importante que reconheçamos o seu valor. Sendo o museu o local específico para se alcançar a preservação de relatos de acontecimentos reais, se mostra indispensável que conheçamos a trajetória histórica e notemos de forma consciente as várias formas de percepção sobre um mesmo acontecimento.

Assim podemos nos encontrar em situações que estão além de nós e que existe a possibilidade de deixarmos nos envolver, ao ponto de pensarmos, como pesquisadores, que

temos o compromisso em contribuir com as questões sociais que idealizam a identidade de um povo. Portanto chegamos ao conceito de restituição que, de acordo com os estudos de Portelli, faz da História Oral uma arte que envolve não só o que aconteceu, mas também o que não foi factual, e que deveria ter acontecido. Um exemplo seria a retribuição do descasocom os negros e que só a partir do século XXI, perante as políticas públicas, é que um novo caminho é escrito. Logo podemos concluir que a História vinda da memória é alternativa, pois ajuda a estruturar e reestruturar o contexto social de determinados indivíduos.

Vale ressaltar que as ideias particulares contraem um formato próprio fazendo com que a narrativa possa ser fundamentalmente recriada. Sabemos então que, esse pensamento específico pode se estender para campos maiores da humanidade, em que a memória é peça fundamental para se compreender a cultura de um lugar, quando esta se apresenta fragmentada e estática.

Embora o espaço da cultura popular, ou melhor, da memória, caminhe por vários nuances nos percurso histórico. Segundo Montenegro, “Cada época recupera e atribui ao popular um sentido, que, em princípio, resulta da disputa ou das relações no interior dos discursos ou das relações no interior dos discursos, na medida em que esses discursos se propõem estabelecer determinados imaginários”. (MONTENEGRO, 2013, p. 11).

Podemos assim assegurar que é possível existir um envolvimento elitista que está preso ao cenário econômico, político e cultural e interfere nas implicações sociais, no instante que este muda o curso da rememoração.

De acordo com Montenegro passa a se evidenciar a história de sua própria vida dentro do assunto em questão, assim as representações que estruturam o imaginário popular estão ligadas aos acontecimentos da vida de cada um que a conta. Sabemos que ao serem abertos novos canais de registros de memória em uma sociedade, se amplia um novo arsenal de contribuições dessa história, que estava escondido ou adormecido devido a pouca prática do uso da história oral, do museu pra sala de aula, como uma ferramenta pedagógica possível de fomentar a cultura dita tradicional.

Ainda nessa conjunturaMeihy acredita que, “Fundamental para a história oral é o tratamento conceitual dado ao narrador que se dispõe a ajudar no processo de entrevista. Sem dúvida, a mudança das considerações tradicionais carece de novos ângulos.” (MEIHY, 2013, p. 117). Logo podemos afirmar que a elaboração de pensamentos não pode ser conceituada por uma única forma de pensar, já que não devemos nos prender a uma ideia exclusiva e acreditar que esta é integralmente a mais aceita.

Não restando muitos recursos materiais para apropriar-nos da história do município de Redenção é na visitação a museus e conversações com pessoas que ali trabalham, que ocupam diferentes esferas sociais que ouvimos discursos que estão além do marco político. Mesmo que com um pouco mais de timidez observamos o contexto social e cultural, sendo estes dois fundamentais para pensarmos no contexto educacional da população presente na cidade estudada.

No entanto é necessário amadurecimento literário para que nos esquivemos da lúdica imagem de que Redenção emancipou seus 116 escravos a partir de “um gesto heróico”. Ainda hoje esse imaginário é projetado na memória de outros. Um caso que pode ser exposto é a narrativa sobre o Monumento da Negra Nua, que para uns é uma obra realizada para homenagear o centenário da abolição, porém esta foi realizada em 28 de dezembro de 1968 a partir do desejo da Prefeitura Municipal na gestão de Dr. Alberto, com o projeto de engenharia desenvolvido por Eduardo Pamplona, junto à câmara de vereadores da época e que teve como objetivo comemorar o centenário de inauguração da cidade e não o centenário da abolição como muitos afirmam.

Enfim, o marcos abolicionista em Redenção carrega junto de si uma bagagem de acontecimentos que por hora são distorcidos dentro do tempo e que nos direciona a informações remetendo dúvidas que devem ser esclarecidas a partir de análises e pesquisas sobre a verdadeira história.

Sabemos que no momento da análise, cada estudo adquire uma forma particular e com isso nos leva a reformular continuamente os critérios narrativos.

Logo, ao longo deste caminho, estaremos percorrendo representações de caráter universal, onde o ser próprio, porém, encontra-se em um movimento e em relação permanente com determinações específicas; onde a própria razão de ser se define por algo particular e próprio de aspectos específicos da formação social sem, no entanto, perder o elo, sua relação com planos gerais/universais. (MONTENEGRO, 2013. P.10.)

Podemos assim afirmar que qualquer ser social pode formular suas opiniões sendo necessário repensar e refazer as suspeitas, para que não comprometamos a construção histórica de determinado espaço no tempo.

De acordo com Montenegro, “A medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os seguimentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor”. (MONTENEGRO, 2013. P. 16).



Prontamente destacamos que existe distinção e até mesmo uma parcela de desequilíbrio entre memória coletiva e história, pois há quem creia que a memória é diversa e a história é única. Ao direcionarmos essa ideia para a sala de aula, notaremos que a relação entre essas ainda é pouco problematizada, pois aparecem como um complemento quase que sempre absoluto, pois a busca de artifícios para o desempenho de um processo de ensino-aprendizagem apropriado ainda deixa a desejar.

Sendo a memória suscetível e advinda de várias representações sociais cabe ao professor empenhar-se para levar o aluno a questionar as verdades estabelecidas pelo pensamento histórico e leva-los a buscar compreender o contexto social que essas histórias são edificadas, pois novos saberes e pensamentos são construídos a cada dia e podem ser um caminho de libertação ou aprisionamento. “Afim, compreendemos a história como uma construção que ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro”. (MONTENEGRO, 2013. P 17).

Com o intuito de entender o pensamento da sociedade sobre os acontecimentos passados, o pesquisador usa a história oral como mecanismo para refazer ou preservar, a partir da narrativa, a representativa histórica, pois “enquanto a memória resgata as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou recorte cultural, temático, metodológico a partir do trabalho do historiador”. (MONTENEGRO, 2013. P. 20), cujo objetivo é auxiliar no desfecho da construção histórica.

Tentando entender um pouco mais da formação histórica em Redenção, caminhamos entre a história e a memória, pois carece compor e reformular trechos dessa história que se mantem quieta e somente com a chegada da Unilab<sup>7</sup> será apresentada em um novo cenário.

Diante da ausência de documentos concretos se fez necessário buscar a oralidade para levantar alguns pressupostos que nos auxiliam a remontar a história abolicionista e escravista da segunda metade do século XIX, na cidade pioneira da libertação no Brasil, e ainda analisar como estes fatos se projetam no aprendizado das escolas municipais, deste mesmo solo, no século XXI. Ao percorrer os campos da oralidade, Portelli sugere que respeitemos o desenrolar das narrativas em exposição pelo entrevistado, já que “a história construída a partir das experiências de vida e trabalho” é um dos focos “produtores da história”. (MONTENEGRO, 2013.P.23).

---

<sup>7</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

## 2.1 - O reflexo de uma formação municipal de educação

De acordo com os pensamentos de José Carlos Sebe Bom Meihy, no mundo contemporâneo se apresentam três grandes blocos que condensam essa estrutura global moderna, que são: Memória, identidade e comunidade. Por isso, buscamos compreender aspectos diferentes, mas que estão interligados para compreendermos a formação identitária da cidade de Redenção e de que maneira essa história é utilizada como ferramenta pedagógica nas escolas municipais desta terra.

Diante das entrevistas realizadas com professores da rede pública municipal, pudemos notar o quão está carente de informações o espaço educacional, pois há claramente traços de surpresa quando falamos sobre as contradições que são repassadas sobre Redenção ao longo das gerações.

A professora Ieda Maria Barbosa de Souza e Silva<sup>8</sup>, 49 anos, e especialista em Língua Portuguesa e Literatura, desempenha seu 29º ano de magistério afirma, em pouco mais de quarenta e cinco minutos de entrevista diante de questionamentos sobre a frequência dos alunos no espaço dos museus existentes na cidade, que a Escola juntoas Secretarias de Educação e Cultura “tenta fazer” com que o contato entre aluno e museu aconteça, mas assegura que “ainda deixa a desejar”. A mestra relatou ainda que “nossos próprios alunos estão tendo oportunidade de conhecer um pouco mais da nossa história, até por conta da Unilab, pois a vontade de conhecer já existia, mas só foi intensificada agora”.<sup>9</sup>

Sabendo dos conflitos e das dificuldades de reaver essa historicidade a senhora Ieda Barbosa diz que:

“ainda há muito o que fazer pra que a gente resgate a história de nosso passado. Hoje a Escola tem o projeto Mais Cultura que está tentando resgatar essa história através das pessoas mais antigas, com fotografias e esses encontros acontecem todas quintas feiras das 17 as 19 horas. Eu acho que é uma oportunidade que a gente tem de conhecer, porque o pessoal antigo, na verdade, é uma biblioteca ambulante e essas pessoas já estão com uma idade bem delicada e se não buscarmos com uma certa urgência parte da história acaba”.<sup>10</sup>

O Programa Mais Cultura nas Escolas, de acordo com o Manual de Desenvolvimento de Atividades, que é um instrumento de orientação para as Escolas, expõe que O Programa consiste em uma iniciativa interministerial, firmada entre os Ministérios da Cultura (MinC) e

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada em 23 de outubro de 2014.

<sup>9</sup> Ieda Maria Barbosa de Souza e Silva em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>10</sup> Ieda Maria Barbosa de Souza e Silva em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

da Educação (MEC), com a finalidade de fomentar ações que promovam o encontro entre o projeto pedagógico de escolas públicas contempladas com os Programas Mais Educação e Ensino Médio Inovador e experiências culturais em curso nas comunidades locais e nos múltiplos territórios (p. 3).<sup>11</sup>

Sendo este uma parceria entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação, têm por objetivo:

Reconhecer e promover a escola como espaço de circulação e produção da diversidade cultural brasileira; Contribuir com a formação de público para as artes e ampliar o repertório cultural da comunidade escolar; Desenvolver atividades que promovam a interlocução entre experiências culturais e artísticas e o projeto pedagógico de escolas públicas de Educação Integral; Promover, fortalecer e consolidar territórios educativos, valorizando o diálogo entre saberes comunitários e escolares, integrando na realidade escolar as potencialidades educativas do território em que a escola está inserida; Proporcionar encontro entre vivências escolares e manifestações artísticas e culturais fora do contexto escolar; Ampliar e aprofundar a inserção de repertórios e práticas que contemplem a diversidade artística e cultural brasileira na vivência escolar; Promover o reconhecimento do processo educativo como construção cultural em constante formação e transformação; Fomentar o comprometimento de professores e estudantes com os saberes culturais locais; Contribuir para a ampliação do número dos agentes sociais responsáveis pela educação no território, envolvendo iniciativas culturais dos territórios nos processos educativos em curso nas escolas; Proporcionar aos estudantes vivências artísticas e culturais promovendo a afetividade e a criatividade existentes no processo de ensino e aprendizagem. (p.4)<sup>12</sup>

Diante do mundo de opções que o projeto anseia oportunizar, há aspectos estruturais que podem subsidiar um futuro desenvolvimento cultural que venha a ser suporte para o desenvolvimento do âmbito educacional.

Assim perante a problemática encontrada sobre as controvérsias de parte da história do município, às vezes por falta de fontes documentais que nos oriente ao caminho da veracidade, nos fez buscar o cenário do imaterial com o desejo de recolher informações que se completem e que se diferenciem, pois como externa Ieda Barbosa, sempre foi curiosa pra saber o que é verdade, alguma prova, ou se realmente foram histórias apenas criadas. Com o desenvolvimento do projeto Mais Cultura que envolve pais, alunos e professores tem ocorrido uma interação em diversos aspectos, que está abrangendo fora da Escola.

Quanto à visitação aos museus o grande impedimento de existir uma frequência, Ieda Barbosa evidencia que há complicação do recurso financeiro, pois o Museu Senzala do Negro

---

<sup>11</sup> Manual de desenvolvimento das atividades do Projeto Mais Cultura nas Escolas, visualizado em 29 de outubro de 2014, no endereço eletrônico <http://www.cultura.gov.br/maisculturanasescolas> as17h48.

<sup>12</sup> Manual de desenvolvimento das atividades do Projeto Mais Cultura nas Escolas, visualizado em 29 de outubro de 2014, no endereço eletrônico <http://www.cultura.gov.br/maisculturanasescolas> as17h54.

Liberto, que é localizado em solo privado, cobra uma taxa de acesso que não condiz com a realidade de grande parte dos alunos da rede municipal. “Mas à vontade sempre existe de levar esses alunos lá. Em 2012, no trabalho desempenhado com o EJA<sup>13</sup>, nos levamos esse grupo pra conhecer o museu e seria muito interessante levar essas crianças pra explorar esse espaço.”<sup>14</sup>

Ao explicitar o ambiente de aprendizagem como “o museu”, sendo que é importante lembrar que o município de Redenção se beneficia de dois museus que são o Memorial da Liberdade (público) e o Senzala do Negro Liberto (privado), fica claro que a visita já não sendo contínua, ainda apresenta falhas, pois se enfatiza apenas um dos museus que é o de ordem particular, pois há uma revelação da professora que “o Museu Senzala tem quem acompanhe, mas logo vem o questionamento se o que esta sendo narrado é verdade. Já no Memorial da Liberdade o indivíduo vai observando, deduzindo e tendo contato com algumas coisas e é a partir daí que se tem uma conclusão”.<sup>15</sup>

Além de seu valor histórico-cultural, a cidade de Redenção, dispõe de uma Universidade que estimula pesquisas sobre os recursos educativos existentes no município e aflora a busca pelo conhecimento dessa história. Na presença de despertar o interesse em conhecer nossas raízes, os materiais didáticos usados na Escola para auxiliar aluno e professor a desempenhar e adquirir informações sobre o admirável espaço sobre a sequência de acontecimentos que aqui sobrevivem, tem por destaque é “apenas um livro que foi publicado, se não me engano, em 2011. Embora seja necessário uma melhora, pois só apresenta tópicos e o contexto se apresenta carente de maiores informações. Contudo, o livro é um suporte usado na disciplina de História pra que abordemos as narrativas sobre a abolição em Redenção.”<sup>16</sup>

Além do livro as ferramentas mais utilizadas pelo corpo discente são “englobadas dentro do espaço reservado ao estudo da África e a partir de então é que se busca identificar aspectos presentes em Redenção. Mas ainda há uma sutileza em perceber o que existe em comum.”<sup>17</sup>

Ainda nesta perspectiva, a entrevista se estendeu a outro professor nomeado como Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima<sup>18</sup>, 47 anos, está desempenhando o papel de educador municipal há 25 anos e tem pós-graduação em Gestão Escolar. Por pouco mais de uma hora, de pesquisa, em meio à oralidade, o pedagogo me fez voltar três décadas no espaço-temporal

---

<sup>13</sup> Educação de Jovens e Adultos.

<sup>14</sup> Ieda Maria Barbosa de Souza e Silva em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>15</sup> Ieda Maria Barbosa de Souza e Silva em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>16</sup> Ieda Maria Barbosa de Souza e Silva em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>17</sup> Ieda Maria Barbosa de Souza e Silva em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>18</sup> Entrevista realizada em 23 de outubro de 2014.

ao descrever as diferenças da construção ideológica da esfera abolicionista e escravista da cidade em foco.

Ao expor o seu pensamento sobre a história do município e o envolvimento das Secretarias de Educação e Cultura na contemporaneidade, para expandir e esclarecer pontos fortes dessa narrativa, ele testemunhou que “no passado isso foi mais forte, foi mais presente do que mesmo a realidade de hoje.”<sup>19</sup> Expressa com espontaneidade e alegria as lembranças sobre o centenário da abolição, pois “Redenção viveu um momento muito forte, em que existia uma ação pedagógica nas escolas”<sup>20</sup> que ele fez parte, como estudante, “indo a biblioteca pública em Fortaleza, que desempenhou uma ação muito interessante a nível municipal e que repercutiu a nível estadual e hoje está tudo um pouco deixado de lado”.<sup>21</sup>

Na rememoração de sua experiência ele faz comparações com a geração que vivenciou o centenário da abolição e com a geração atual, pois ele acredita que “hoje a escola não utiliza muito dos recursos dessa história” e afirma ainda “com certeza” que a frequência e a relevância dos alunos a caminhar por essa história é inferior a pouco mais de três décadas atrás.

Na interlocução, Paulo Castelo, sendo um professor em exercício no sistema municipal de educação, declara desconhecer projetos que tenham preocupação com o adormecimento da narrativa local e o uso do espaço museológico, por estar ministrante uma disciplina de Ciências da Natureza. Ele conta que acompanhou um grupo de alunos no ano de 2011 e diz que era outra realidade política. No entanto exprime que, uma única ida ao museu não supri a necessidade de conhecer que é indispensável ao aluno, já que a falta de um acompanhante de responsabilidade do museu, que esteja apto à função, faz com que o interesse seja menor.

Quando visitamos o museu, há três anos, vimos um guia que apresentava uma história muito fantástica que deixava os alunos embelezados com a história, mas é possível notar que é muita fantasia na história contada que nos leva a pensar que parte do conto é fruto da imaginação de alguém. Uma pena que as pessoas que estiveram presentes em gerações anteriores não tenham sustentado essa história, para que nós pudéssemos ter acesso a um acervo de uma realidade mais precisa.<sup>22</sup>

Sabendo que a clareza desses relatos abolicionistas se faz necessário, a formação de professores e alunos

---

<sup>19</sup> Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>20</sup> Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>21</sup> Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>22</sup> Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

deveria existir com a participação de alunos do sétimo, oitavo e nono ano não teriam muito a dizer, pois ficam muito a quem dessa situação, dado a realidade de que esses ensinamentos não são uma coisa frequente, por termos uma geração muito dispersa de tudo e de todo, até da realidade que o envolve, quanto mais da realidade que está em torno do município.<sup>23</sup>

Na conversa, o professor assegura que a história “está se perdendo”, pois o que temos hoje são “histórias fantásticas e que não nos levam a conhecer o que realmente aconteceu nesse espaço geográfico de Redenção” e expõe sua realidade de estudante sendo uma época em que os alunos “até se emocionavam diante dessa história, embora depois as decepções acontecessem no amadurecimento com a própria história.”

De outro modo, um povo sem história é um povo sem sentido e que fica a mercê de muita coisa, “por isso muitas vezes a nossa juventude não tem direcionamento, porque são levados pelos ventos que chegam e que passam rapidamente.” Ainda quando estudante, Paulo Castelo, mostra o seu envolvimento emocional ao ler os relatos fica claro que eles

foram feitos por poetas. O dia 1º de janeiro de 1883, nos deixou escritos que nos deixava super emocionado, se imaginava toda a cena, se imaginava as palhas das palmeiras balançando, o canto das graúnas, o apito do trem. Somente depois de alguns anos é que se percebe que foram escritos de um artista, de um poeta, que nos leva a questionar e se decepcionar com essa história, pois pensamos se realmente essas pessoas estiveram mesmo aqui, será que realmente vieram no trem e foram a cavalo até as dependências do Saraiva Leão e de lá saíram em um carro planejado, será que a banda tocava na rua e que até um dos senhores que estava engajado no processo abolicionista estava doente e pediu pra que colocassem sua cama na porta de entrada da casa para que, mesmo não podendo acompanhar a festa, queria visualizar o feito e que este foi o homem que disse que a partir daquele dia, aquele lugar deveria se chamar Redenção.<sup>24</sup>

Diante desse romantismo vale lembrar que anteriormente

Redenção foi celeiro de muitos artistas e acreditamos que eles contribuíram para uma história, que a abolição gerava a felicidade dos donos de sítio e de outras propriedades que se reuniam na esquina do Seu Vinícius, nas manhãs de domingo pra saber quantos escravos foram abolidos” e ao analisarmos a realidade dos discursos fica nítido que não era bem assim que acontecia.<sup>25</sup>

Assim podemos remeter todo esse discurso e essa narrativa que percorreram por décadas e que ainda está presente uma narrativa ufanista e se permite esquecer que não era bondade dos Senhores de Engenho, havia uma serie de situações econômicas que afetavam o meio de produção manual, pois já tínhamos desde o século XVIII a Revolução Industrial que

<sup>23</sup> Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>24</sup> Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>25</sup> Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

nos direcionava a novas tendências no mercado produtivo, no entanto a alforria era um bem necessário.

Em consequência a pergunta sobre o uso de matérias didáticos dessa história o professor Paulo Castelo indagou um questionamento que nos leva a pensar sobre as informações que perpetuam hoje, uma vez que nos perguntamos se realmente essa história romantizada foi eternizada ao ponto de ser tida como consistentemente verdadeira, devido à falta de incentivo, “essa história se mostra um pouco solta, um pouco em falso, sem muitas raízes se pensarmos nela como pouco consiste, pode ser esse o motivo de não ter perseverado e ter gerado os conflitos que hoje vigoram”.<sup>26</sup>

Dessa forma podemos asseverar que o contato com novos pensamentos nos levam a caminhados até então não imaginados e que a história oral nos proporciona vislumbrar questões diversas. Dentro do campo educacional e cultural podemos ver o quanto é imprescindível que se busque, com maior afinco, reestabelecer o contato entre museu e sala de aula e tantos outros artifícios que podem ser usados para despertar o entendimento da riqueza dessa história.

Na conversação com a, atual Diretora da EMEIEF<sup>27</sup>Terto Venâncio, Maria de Lourdes da Silva<sup>28</sup>, 42 anos e há 13 anos nesta mesma escola. Ficamos informados de que a parceria existente entre as Secretarias de Educação e Cultura e a Escola para deslocamento ao espaço museológico a parceria existe, mas é somente para disponibilidade de transporte e que assegura ainda que, hoje o professor que ministra a disciplina de história, já vivencia essa ida ao museu dentro do plano de aula. O que gera dificuldade pra que essa ideia se concretize é a ausência de recurso financeiro pra que possa ser realizado o deslocamento desses alunos, se tornando uma dificuldade no percurso do aprendizado escolar e já findando o ano de 2014 ainda não foi executada tão ação.

No entanto, existem parcerias das secretarias em resgatar a cultura negra, já que o Projeto Rosal da Liberdade, segundo a entrevistada, auxilia na formação de professores. Este junto ao Projeto Cores de Redenção levam o aluno a conhecer a diversidade desses espaços e “graças a esses projetos fizemos com que os estudantes compreendessem o respeito às diferenças a partir da diversidade das cores colocando um fim na ideia de que todos nós somos iguais, pois somos todos diferentes.”<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima em entrevista realizada no dia de 23 de outubro de 2014.

<sup>27</sup> Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental

<sup>28</sup> Maria de Lourdes da Silva em entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2014.

<sup>29</sup> Maria de Lourdes da Silva em entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2014.

Vale lembrar que o Projeto Cores de Redenção é reconhecido em Brasília desde 21 de março de 2011, quando Redenção estava ainda com a gestão nas mãos de Francisca Torres Bezerra e tendo a frente da Secretaria de Educação a professora e mestra Ana Paula Fonseca Braga. Este foi implantado em 2009 com o objetivo de fortalecer a prática e a proposta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira e de fortalecer o desempenho da lei 10639/2003, com a ideia de formar professores de História e Coordenadores pedagógicos da rede municipal de ensino. Tendo como parceira Unilab, o programa teve a contribuição da professora Dra. Rebeca Alcântara que esteve a ministrar palestras de formação.

A cerimônia de entrega do Selo de Educação para Igualdade Racial, na última segunda-feira, 21 reconheceu os trabalhos desenvolvidos pela prefeitura de Redenção em parceria com a Unilab, na região do Maciço do Baturité, entre outras.

Para Redenção/CE, este selo representa para o município o reconhecimento de todas as ações desenvolvidas através do Projeto As Cores de Redenção, no período de 2009-2010, no qual estiveram envolvidos escolas, professores e alunos da Rede Municipal de Ensino, além da Unilab, destacou a secretária de Educação do Município de Redenção, professora Ana Paula Fonseca Braga que recebeu o prêmio em Brasília.

Os principais objetivos do Selo são divulgar o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e destacar as boas experiências colocadas em ação e difundir a aplicação dessas práticas.<sup>30</sup>

Certamente o contato com projetos, objetos e narrativas são fundamentais para que nossos alunos possam interagir com meio social que forma a identidade de cada um de nós ao visualizarmos, a história viva do que nos foi repassado ao longo dos anos, através das narrativas. A grande decepção é o pouco interesse da “comunidade interna e externa, por pensar que os projetos desenvolvidos nas escolas e na Unilab são de alcance apenas dos estudantes que compõem o corpo discente da universidade e por vezes permanecemos leigos.”<sup>31</sup> Com isso percebemos que há necessidade de incentivar a participação e o interesse de pais, alunos e professores em recuperar nosso princípio histórico.

Com os relatos da Coordenadora pedagógica, Francisca Erilene Pereira<sup>32</sup>, 42 anos, com 24 anos de magistério, pós-graduada em Coordenação Escolar e com uma Extensão, realizada na Unilab, em Gestão Escolar reforça os projetos trabalhos na escola e expõe que os

<sup>30</sup> Notícia retirada de <http://www.unilab.edu.br/noticias/2011/03/24/projeto-as-cores-de-redencao-e-reconhecido-em-brasilia/> em 31 de outubro de 2014 as 00h03.

<sup>31</sup> Maria de Lourdes da Silva em entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2014.

<sup>32</sup> Entrevista realizada em 24 de outubro de 2014.



professores, que desfrutam das formações repassam o conteúdo através de seminários e oficinas acompanhados pela coordenação do estabelecimento de ensino.

Pudemos ser direcionados ao espaço dos “professores complementares” que trazem, uma vez por semana, apenas ensinamentos de história e a geografia do município. Pudemos dispor de informes a respeito de uma parceria da Secretaria de Educação com o SEBRAE<sup>33</sup>, que conduziu cada escola municipal a trabalhar um tema específico sobre cultura afro. Sabemos que são iniciativas como estas que irão melhorar aceitação e o reconhecimento da negritude encontrada, até pouco tempo, apenas nos museus e nos discursos dominados por aqueles que usam da retórica. Porém as escolas quando precisam buscar alguma informação além das que estão fixadas no material didático, recorrem ao universo digital.

Sendo o museu um campo de aprendizagem, que rompe as barreiras do universo pedagógico em sala de aula, fica clara a insegurança com as narrativas, já que há carência de materiais didáticos. Assim os recursos que a escola dispõe como foi explicitado anteriormente, é que se usa como maior ferramenta de pesquisa as dissertações encontradas na internet. Porém temos que atentar ao fato de que esta não é plenamente segura.

Diante dos recortes históricos, devemos observar os instrumentos de transmissão oral que neste século XXI tem maior veiculação, por isso os cuidados devem existir ao nos depararmos com a localização de uma nova escrita.

A ausência de entrevistar um profissional da área específica de história, se manteve, pois, de acordo com os educadores que participaram da conversa, não há um professor com esse domínio característico, já que os dois responsáveis de levar conhecimentos históricos são graduandos iniciais de pedagogia.

Em outro momento recolhemos consolidações das Secretarias envolvidas em todo o processo, que torna real o conhecimento de espaços de instrução, como o museu, que é ampliado ao universo da sala de aula. Portanto buscamos esclarecimentos e contribuições do Secretário de Cultura em atividade e ficamos cientes do interesse de AntonioWelder Benedito Muniz, 45 anos, advogado, hoje à frente dos desafios da Cultura e que nos deixou seguros de que

o museu a principio não foi pensado pra ser apenas um espaço de acondicionar selos ou peças antigos, mas o fato de projeção cultural e de pesquisa. Pensando nisso nós incentivamos as escolas sempre na busca da pesquisa e na apropriação de nosso fazer, porque o que podemos perceber em Redenção é que as pessoas não se apropriam da nossa história. É como se fosse uma história que foi introjetada e isso

---

<sup>33</sup> Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

faz com que aconteça o distanciamento não havendo interação das pessoas com o orgulho que deveria existir sobre a abolição.<sup>34</sup>

Ao tecer questionamentos sobre um profissional que esteja apto a desempenhar com competência e/ou que seja formado especificamente para assuntos museológico nos deparamos com mais aspecto que o município depois de mais de treze décadas deixa a desejar, pois não dispomos desse profissional. O atual secretario de cultura nos disse que “o museu foi pensado, em Redenção, como um espaço de resgate dos objetos dessa história. Ele não foi planejado como um espaço de visitação ou de pesquisa, pois quando pensaram no museu pensaram simplesmente em saber o que as pessoas tinham para que pudéssemos formar um museu.”<sup>35</sup>

Com essas afirmações, compreendemos que o museu nesta cidade não teve a preocupação de gerar espaço para seleção de funcionários que desempenhassem as funções inerentes a esse ambiente, mas hoje essa ideia está presente no Plano Municipal de Cultura os aspectos necessários para compor o museu com o desejo de que município possa estruturar os patrimônios culturais.

A secretaria de Cultura trabalha com a parceria escolar, em que há em breve execução um projeto de escrita que será realizado com alunos do contexto municipal de educação. Este será desenvolvido com Redações que aborda exclusivamente a história de Redenção. Com o desapego que hoje os redencionistas têm com nossa história, faz com que busquemos métodos de inclui-los e incentivá-los a conhecer nossa história, já que há aproximadamente uns 35 anos atrás, em que os professores nos levavam a caminhar pela cidade e nos contavam a história a partir do contato visual, que nos permitia conhecer um pouco do seu valor e como funcionava a cidade e que hoje não se mantem essa forma de educar.

É importante que a escola possa direcionar os indivíduos ao espaço museológico, pois “o olhar do ser como ente pensante dentro de uma sociedade”<sup>36</sup> é de suma importância, uma vez que o indivíduo pode mobilizar o coletivo, por não se permitir separar do universo individualista, deixando assim de fazer algo para construir a história local.

Com relação ao Executivo, o olhar político para ações de resgate de mobilizações culturais ainda é meio tímido, por um foco maior em outro aspecto da administração. Com relação ao Poder Legislativo, temos respostas positivas, já que todas as vezes que os projetos da Secretaria de Cultura são apresentados, para que se fundamentem

---

<sup>34</sup> AntonioWelder Benedito Muniz em entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2014.

<sup>35</sup> AntonioWelder Benedito Muniz em entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2014.

<sup>36</sup> AntonioWelder Benedito Muniz em entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2014.

nossas intenções, são bem aceitos. Lembrando que todos os projetos tiveram participação da comunidade, pois o que almejamos é que as pessoas tenham maior acesso ao campo cultural.<sup>37</sup>

Com isso fica claro que o desenvolvimento cultural do município não ocorre de maneira satisfatória porque ainda somos carentes de pessoas que tenham o poder para desempenhar e incentivar tais projetos de regate da cultura material e imaterial.

---

<sup>37</sup>AntonioWelder Benedito Muniz em entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2014.

## CONCLUSÃO

Com o interesse de fomentar algumas inquietações com a historicidade local, busquei a princípio encontrar nos dois museus existentes na cidade, Museu Memorial da Liberdade e Museu Senzala do Negro Liberto, encontrar traços da narrativa abolicionista que são externados desde pouco mais de 130 anos e repassados aos que se vão a esses espaços.

Diante das análises realizadas podemos notar que há um intervalo dessa narrativa que se contradiz e que pela ausência de documentos materiais vai aos pouco fragmentando essa memória identitária.

O trabalho traz descrições dos dois museus logo no primeiro capítulo, deixando comprovada a exiguidade de interesse em renovar e dar a valorização necessária aos documentos e artefatos que ajudam a construir o panorama dos acontecimentos em Redenção. Encontramos no Museu Memorial da Liberdade a ausência de uma pessoa com aptidões acadêmicas ou museológicas para nos acompanhar durante a visita, pois há necessariamente questionamentos e dúvidas que seriam remetidas a essa pessoa, com o intuito de adquirir maiores esclarecimentos sobre os objetos e documentos existentes nesse espaço.

No Museu Senzala do Negro Liberto dispomos de acompanhamento, mas ainda limitado e com pouco ou quase nenhuma instrução pedagógica ou acadêmica, pois existe um roteiro a seguir e neste encontramos lacunas e controvérsias que comprometem os relatos abolicionistas e escravistas. Além do mais, a todo instante nos defrontamos com a explanação diretamente ligada a cachaça “Douradinha” que ainda é produzida neste solo, ao final do percurso seguido dentro do museu somos lançados à mercantilização de vários produtos, mas nesse contato o foco é a degustação e a comercialização da tal cachaça.

Com a ausência de informações concisas e com a intranquilidade de saber que esses espaços podem ser utilizados com ferramenta pedagógica no âmbito do aprendizado das Escolas Municipais, nos direcionamos a um segundo capítulo, este direcionado a oralidade.

Nesse novo trajeto buscamos compreender, a partir dos relatos de servidores municipais entre eles professores, diretora, coordenadora pedagógica e secretário de Cultura, a situação da relação sala de aula e museu.

Por meio dessa mostra de informações podemos concluir que há carência de contato com o museu e também de material didático, pois se usa como apoio para trabalhar essa história, muitas vezes, o universo da internet e sabemos quem nem todas as notícias desse mecanismo são confiáveis.

Mesmo com os projetos governamentais desenvolvidos na escola, como o Rosal da Liberdade, Cores de Redenção, Mais Cultura e o Mais Educação ainda requer que seja elaborado outros subsídios para aflorar essa história na comunidade escolar e estender ao homem simples que compõem as raízes de sua identidade nesse contexto.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Orais

AntonioWelder Benedito Muniz em entrevista concedida, a Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros, no dia 30 de outubro de 2014.

Francisca Erilene Pereira em entrevista concedida, a Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros, no dia 24 de outubro de 2014.

Ieda Maria Barbosa de Souza e Silva em entrevista concedida, a Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros, no dia 23 de outubro de 2014.

Maria de Lourdes da Silva em entrevista concedida, a Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros, no dia 24 de outubro de 2014.

Paulo Sérgio Castelo Branco de Lima em entrevista concedida, a Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros, no dia 23 de outubro de 2014.

### Bibliografia

Africania e Cearensidade: Catálogo do Museu Histórico e Memorial da Liberdade. – Fortaleza: Instituto Olhar Aprendiz, 2011.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história Lisboa*: Presença, 1989.

GIRÃO, Raimundo. *A abolição no Ceará*. 3ª ed. Melhorada. Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

KHOURY, Yara Maria Aun; PEIXOTO, Maria do Rosário da cunha; VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. *A pesquisa em história*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995. 80 p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral: Como fazer, como pensar* / José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. – 2. Ed., 2ª impressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e memória: a cultura popular revisada*. 6. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

PINHEIRO, Marcos José. *Museu, memória e esquecimento – Um projeto de modernidade*.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Editora Argos, 2004.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

SPINK, Mary Jane P. *Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximação teóricas e metodológicas*. (org.). – São Paulo: Editora Cortez, 1999.

VIOTTI Da Costa, Emília. *A abolição*. 8ª Ed. Revista e ampliada – São Paulo: Editora UNESCO, 2008.

## ANEXOS

## Hino do município de Redenção (Ceará) <sup>38</sup>

*Letra por Vital Bizarria*

*Melodia por Monsenhor Mourão*

Redenção o teu nome na história  
É luzeiro de eterno fulgor  
Faz lembrar tão brilhante vitória  
Que nos enche de orgulho e de amor.

Quando a pátria gentil de Iracema  
Quis seus filhos cativos livrar  
Tu tiveste esta glória suprema  
De o primeiro grilhão rebentar.

De teu solo se ergueu, sobranceiro  
Um punhado invencível de heróis  
Desprendendo este brado altaneiro  
Não queremos escravos entre nós.

Este gesto sublime, imponente  
Noutros peitos a chama ativou  
A senzala fugiu de repente  
Martírio em prazer se tornou.

Nossa aurora no vasto horizonte  
Protetora e fagueira surgiu  
Na cidade, na aldeia e no monte  
Tudo em flores e festa sorriu.

Salve Oh! Pátria, torrão adorado

---

<sup>38</sup>Disponível em: [http://pt.wikisource.org/wiki/Hino\\_do\\_município\\_de\\_Redenção\\_\(Ceará\)](http://pt.wikisource.org/wiki/Hino_do_município_de_Redenção_(Ceará)).

Acesso em: 03 de novembro de 2014.



Que os escravos quiseste remir  
Relembrando o teu belo passado  
Temos hoje mais fé no porvir. (Bis)

**AUTORIZAÇÃO DOS DEPOIMENTOS ORAIS**

UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB  
CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)  
AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu entrevistado(a)  
Têda Maria Barbosa de Souza Silva  
CPF: 243.721.613-81 RG: 716178-84 emitido pelo  
SSP, domiciliado/residente Rua - Tereza Cristina, 560 - Antonio  
Diogo, Redenção - Ceará

Declaro ceder a Pesquisadora **Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros**, CPF: **024.541.453-32**, RG: **2000010404849** residente na **Rua Joaquim Gabriel, s/n – Conjunto Novo em Antonio Diogo, Redenção – CE**, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora/entrevistadora aqui referida na cidade de Redenção, Estado Ceará, em 23/10/14, como subsídio a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Redenção – CE, 10 de novembro de 2014.

Têda Maria Barbosa de Souza Silva

(Assinatura do entrevistado/depoente)

UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB  
CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)  
AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu entrevistado(a)  
PAULO SERGIO CASTELO BRANCO DE LIMA  
CPF: 366 147 273-00 RG: 2007103099-3 emitido pelo  
domiciliado/residente RUA TERIO LEANDRO PEREIRA  
Nº 180 - ANTONIO DIOGO, REDENÇÃO-CE

Declaro ceder a Pesquisadora **Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros**, CPF: **024.541.453-32**, RG: **2000010404849** residente na **Rua Joaquim Gabriel, s/n – Conjunto Novo em Antonio Diogo, Redenção – CE**, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora/entrevistadora aqui referida na cidade de Redenção, Estado Ceará, em 23/10/14, como subsídio a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Redenção – CE, 07 de novembro de 2014.

Paulo Sergio Castelo Branco de Lima  
(Assinatura do entrevistado/depoente)

UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB  
CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)  
AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu entrevistado(a)  
MARIA DE LOURDES DA SILVA  
CPF: 44238274334 RG: 281002013159 emitido pelo  
domiciliado/residente RUA IRMA AUGUSTA S/N  
COLÔNIA ANTONIOLOGO

Declaro ceder a Pesquisadora **Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros**, CPF: 024.541.453-32, RG: 2000010404849 residente na **Rua Joaquim Gabriel, s/n – Conjunto Novo em Antonio Diogo, Redenção – CE**, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora/entrevistadora aqui referida na cidade de Redenção, Estado Ceará, em 23/10/2014 como subsídio a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Redenção – CE, 07 de novembro de 2014.

Maria de Lourdes da Silva  
(Assinatura do entrevistado/depoente)

UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB  
CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)  
AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo Francisca Eilene Pereira presente documento, eu Francisca Eilene Pereira entrevistado(a)  
CPF: 473.047.153 - 91 RG: 199245690 emitido pelo  
domiciliado/residente Rua Periza Cristina, 08  
Centro Antonio Diogo.

Declaro ceder a Pesquisadora **Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros**, CPF: 024.541.453-32, RG: 2000010404849 residente na **Rua Joaquim Gabriel, s/n – Conjunto Novo em Antonio Diogo, Redenção – CE**, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora/entrevistadora aqui referida na cidade de Redenção, Estado Ceará, em 24/10/24, como subsídio a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Redenção – CE, 07 de novembro de 2024.

Francisca Eilene Pereira

(Assinatura do entrevistado/depoente)

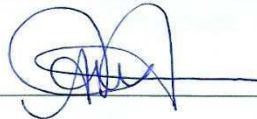
UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB  
CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)  
AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo Antônio Welber presente documento, eu Benedito Muniz entrevistado(a)  
CPF: \_\_\_\_\_ RG: 950719-85 emitido pelo  
\_\_\_\_\_ domiciliado/residente Rua Francisco Silva, s/n  
Antonio Diogo - Redenção/CE.

Declaro ceder a Pesquisadora **Antonia Ellen Jardani de Souza Medeiros**, CPF: **024.541.453-32**, RG: **2000010404849** residente na **Rua Joaquim Gabriel, s/n – Conjunto Novo em Antonio Diogo, Redenção – CE**, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora/entrevistadora aqui referida na cidade de Redenção, Estado Ceará, em 30/10/14, como subsídio a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Redenção – CE, 12 de novembro de 2014.



(Assinatura do entrevistado/depoente)